

## MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: “Mundo na sala de aula”

O tal do estranhamento

Publicado: 16/08/2020

### Legenda:

Sonoplastia

Artionka Capiberibe

Materiais extras

Blocos

### ABERTURA

#### Música de Abertura: “Quem canta”

**00:00 - Melissa:** Olá! Mais um episódio do Mundo em sala de aula! E hoje quem tá aqui sou eu, Melissa Bevilaqua. Eu sou aluna da graduação em Licenciatura e Bacharelado em antropologia pela UnB.

**00:11 - Ana:** E eu, sou a Ana Noronha, aluna de Ciências Sociais aqui da UnB. E esse é mais um episódio da série “Mundo na sala de aula”, [a música vai desaparecendo] que foi criada como um braço do Mundaréu, que é um podcast de Antropologia, feito em produção entre a UnB e a Unicamp.

**00:24 - Melissa:** Pra gente chegar no nosso assunto de hoje, a gente queria acessar um sentimento que todo mundo que já fez ou faz uma graduação ou uma pós em antropologia sente.

**00:34 - Ana:** É aquele sentimento que surge quando a gente tá ali meio que entendendo ainda o que é a antropologia né, de repente, a gente se dá conta de que a gente tá analisando tudo e todo mundo antropologicamente.

**00:44 - Melissa:** A gente usa uma expressão lá no curso que é “ligar a chavinha da antropologia”. Porque, do nada, a gente não consegue mais ir pra um almoço em família, um bar, uma festa sem ficar ali fazendo um levantamento da idade média das pessoas naquele lugar, o gênero, a raça, como elas se agrupam, porque elas conversam sobre determinado tema... enfim, né! hahah Você lembra, Ana, qual foi a primeira vez que você percebeu que isso tava rolando com você?

**1:11 - Ana:** Olha eu não lembro a primeira vez que eu comecei a reparar nisso não. Mas hoje em dia a “chavinha da antropologia” está ligada o tempo todo né. E chega a ser engraçado porque quando eu vou em um lugar que eu frequentei por algum tempo, mas que eu nunca tinha analisado, e eu volto nesse lugar depois e começo a analisar tudo [ênfase] né. Então sempre sai uma reflexão ou uma comparação, enfim, desses dois olhares que eu já tive. E você Mel, você lembra como foi a primeira vez?

**1:39 - Melissa:** Ah eu lembro de algumas coisas dessa época. Eu tenho dois grandes amigos, que quem me conhece sabe quem são, a Manu e o da Luz, e lá pro primeiro/segundo semestre do curso, algum professor nosso falou que as pessoas costumavam se relacionar em díades e tríades, se agrupando

em dois ou três. Aí pronto né? Todo **[ênfase]** barzinho que a gente ia era a noite inteira reparando isso e comentando um com o outro **[risada]** deixa de ser uma coisa natural e passa a ser uma coisa que tem uma explicação científica! É muito louco isso né?

**2:11 - Ana:** Às vezes pode ser um choque né? Tipo, ver como tudo aquilo que a gente nunca tinha parado pra pensar direito e tinha como coisa normal da vida e percebe que isso é tudo socialmente construído.

**2:22 - Melissa:** Mas isso, gente, pra falar sobre um tema que apareceu bastante e de jeitos bem diferentes ao longo dos episódios da primeira temporada do Mundaréu:

**2:30 - Artionka:** O tal do estranhamento que a antropologia fala

### **BLOCO 1: Estranhamento**

**2:34 - [Entra a Música "Teira Pa Karo Eg Kabimane Karu (a arara grita)" apenas com uma voz feminina no idioma do povo Palikur]**

**2:39 - Melissa:** Então, a gente escolhe uma música dos Palikur pra iniciar esse bloco. Quem nos indicou esse disco foi a Artionka Capiberibe, professora da Unicamp, que trabalha com o povo Palikur, que apareceu no quinto episódio da primeira temporada do Mundaréu. Se você ainda não escutou corre lá pra ouvir. Por que é ela, com a história dela, que vai ajudar a gente hoje. Falar de estranhamento muitas vezes tá ligado àquilo que tá no imaginário das pessoas sobre o que faz uma antropóloga né? Aquela pessoa que vai lá estudar um mundo tão distante do seu né. E o estranhamento entra aí como uma reação ao contato com o outro que é diferente. [música desaparece]

**3:18 - Ana:** Esse é o tipo de estranhamento mais comum, achar estranho aquilo que é diferente da gente. Mas, neste episódio, a gente quer falar de outro tipo de estranhamento que também produz Antropologia. É o estranhamento daquilo que sempre nos foi tão natural e familiar. E isso acontece com a Artionka no momento em que ela decide, ainda no início da sua trajetória acadêmica, ir estudar com uma população indígena, o povo Palikur.

**[Volta da música "Teira Pa Karo Eg Kabimane Karu" apenas com uma voz feminina no idioma do povo Palikur]**

**3:40 - Artionka:** Então eu já sabia aonde, né, no Amapá. E aí (...) a gente olhou o mapa etnolinguístico (...) e viu as populações que tinham no Amapá e as línguas que elas falavam. E aí o que me chamou a atenção foi uma população no extremo norte, na fronteira do Brasil com a Guiana, hoje minha pesquisa é dos dois lados da fronteira porque os (?) tão na Colômbia no Brasil, e os Palikur que é essa população que eu fui fazer pesquisa tão no Brasil e na Guiana Francesa. Eu fiz o mestrado aqui na Unicamp com orientação de um professor aqui chamado Robin Wright mas como a minha pesquisa era na região do Baixo Rio Oiapoque e tinha uma professora da USP que tinha mudado o campo dela do Xingu para o Oiapoque chamada Lux Vidal, a gente, resolveu que eu devia ser co-orientada por ela e ela aceitou. E aí a primeira vez que eu fui pra campo ela me levou, né, isso foi muito especial, porque você chegar num lugar que você não conhece ninguém, ninguém te conhece, né, e só que você não chega sozinho, você chega acompanhado né. E eu ia acompanhada por alguém que já tinha mais de vinte anos de pesquisa. [música desaparece]

**[efeito de click]**

**5:00 - Melissa:** Esse é o momento em que a professora Artionka conta pra gente como ela decidiu o tema de pesquisa dela. E que a fez chegar nos Palikur. E o que é interessante aqui pra gente, é falar sobre o despertar desse estranhamento em situações familiares, que causa na gente vontade de estudar e pesquisar sobre e com pessoas que sempre estiveram ali por perto, rodeando nossa infância, nosso dia a dia... Afinal de contas, apesar da Artionka ter focado sua pesquisa em um mundo diferente do mundo em que ela foi criada, a decisão de onde fazer o trabalho de campo surgiu de uma vontade de conhecer mais sobre o estado da sua família né e que ela morou durante sua adolescência. Já com um arcabouço antropológico então ela faz a decisão de voltar para aquele lugar que é tão familiar para ela.

**5:47 - Artionka:** E eu sempre tive a ideia de que eu tinha que dar um retorno para o Amapá, que é a terra dos meus pais, né, onde eu morei e vivi uma boa parte da minha adolescência lá, né, mais ou menos dos onze aos dezessete, dezesseis anos, né.

[efeito de click]

**6:08 Ana:** E isso que ela fala de dar um retorno é uma coisa que aparece muito na antropologia. E às vezes a vontade e a decisão de ir pesquisar em algum lugar onde já temos uma certa relação de afeto construída, vem disso. De entender melhor esse lugar e as relações né, e devolver isso de uma forma que seja interessante para aqueles que ali já vivem.

**6:26 Melissa:** E é muito legal começar a estranhar o que é familiar, porque, assim, uma coisa que a gente pode perceber nas relações de pesquisa que a gente ouviu lá na primeira temporada do Mundarú é como a observação das antropólogas e antropólogos se torna participante...

**6:40 - Ana:** Verdade, em todas as histórias que a gente ouviu a antropóloga acaba participando da vida que acontece ali no lugar que ela escolheu fazer seu campo... No episódio 4, conhecemos a Nashiele que participa das atividades que acontecem ali no assentamento do seu Irineu...

**6:55 - Melissa:** A Clarice, no episódio 7, que tá sempre indo nas reuniões da Associação Mão Amiga né, o Rodrigo, no episódio 2, que começou a aplicar questionário **junto [ênfase]** com a equipe da quiroprata Marina... E assim vai né... Mas quando a gente tá falando de uma antropóloga que estuda um lugar que ela já tem uma relação construída, muitas vezes, antes de começar a fazer a pesquisa, ela já participa daquele mundo de alguma forma. Daí acho legal a gente pontuar que quando a gente fala de trabalhos etnográficos existe toda uma complexidade de relações ali, né. Dessa forma, pode existir, além dessa observação participante, uma espécie de participação observante. Ou seja, a pessoa já tá ali inserida em um determinado contexto...

**7:40 Ana:** Ou no caso da Artionka que morou muito tempo no estado do Amapá e decide voltar...

**7:44 - Melissa:** Exatamente! E a partir de um momento específico, de algum insight, ou, como no caso da Artionka, de uma vontade de dar um retorno para aquele lugar, de priorizar as populações indígenas do seu estado de origem, você começa a olhar pra esse lugar de maneira super antropológica e quer entender mais sobre ele né, sua constituição histórica, sua rede de significados, suas tramas de parentesco, sua arte e religião. E você passa a ser ali uma pesquisadora estudando sua cidade, seu bairro e, às vezes, assuntos que envolvem sua própria família né?

**BLOCO 2: História sobre a pesquisa que surgiu no PIBID**

**8:16 [Música "O Legado" da banda Dream Music. Rock com voz masculina]**  
Fogo traga a esperança e o sol

“um novo dia/um novo dia”

**8:30 Ana:** Mel, e foi um pouco isso que rolou com aquela pesquisa que você fez, não foi?

**8:35 Melissa:** Sim, total.. Acho que é legal mesmo falar disso porque é uma coisa que pode até inspirar a galera que tá aí na graduação como a gente, querendo colocar seu conhecimento antropológico pra jogo, mas sem saber onde fazer campo e tal... **[música desaparece]**

**8:50 Ana:** Uhum

**8:50 - Melissa:** Então, o que rolou foi que eu sou, como a gente fala lá né, ex pibidiana...

**8:56 - Ana:** Traduzindo: ela já participou do PIBID que é o Programa Institucional de Iniciação a Docência.

**9:01 Melissa:** **[risada]** Isso aí!

**9:02 - Ana:** Aproveita e já fala aí um pouco sobre o que vocês fazem lá pra quem não sabe!

**9:06 Melissa:** Boa, boa! O PIBID é um programa criado pros cursos que têm a licenciatura e que tem atuação na educação básica. Então o objetivo é familiarizar a gente que quer ser professora já com o ambiente escolar, com os processos pedagógicos de criação de plano de aula, lidar com avaliação, **ficar [ênfase]** à vontade de entrar numa sala de aula como docente, essas coisas. Então a gente vai pra uma escola pública e acompanha o cotidiano de lá pelo tempo que dura o programa. Mas, assim, é todo um processo, né, a gente não chega lá já dando aula. Embora seja interessante que em algum momento a gente passe por essa experiência, no caso da minha equipe - as alunas do projeto, nosso orientador e nosso supervisor, que é um professor da secretaria de educação da cidade (no meu caso, do DF) - A gente optou por primeiro observar as aulas do nosso supervisor e ir aos poucos nos inserindo nos processos pedagógicos até chegar o momento de dar uma aula mesmo. E, assim, na prática, o que a gente vê, pelo menos lá na UnB, é uma cisão muito grande entre a antropologia e a licenciatura. Inclusive quem for de outras universidades e tiver aí ouvindo a gente e quiser contar como é aí, vou adorar saber.

**10:17 Ana:** E isso não só nas universidades, mas na educação básica também né?!

**10:21 - Melissa:** Sim! É até engraçado porque as pessoas nunca entendem quando eu falo que sou da licenciatura e da antropologia - que eu faço questão de falar assim né - aí elas sempre ficam “mas ué você vai dar aula de que?”

**10:32 - Ana:** Ah mas é porque quando a gente fala de ciências sociais nas escolas só se fala em sociologia né?

**10:38 Melissa:** Exatamente... e aí, acontece esse ciclo vicioso que a gente não sabe direito onde começa né, porque não se fala de antropologia nas escolas e não se fala de licenciatura na antropologia... Mas enfim, isso tudo pra dizer que quando eu entrei no PIBID e começamos esse processo de observação das aulas do nosso professor supervisor, que é um professor de sociologia, eu já sabia que eu queria ser antropóloga e que queria dar aula de antropologia na educação básica, mas essas coisas tavam super separadas na minha cabeça. Então nos meus primeiros meses ali naquela escola eu sabia que tava ali como aspirante à professora e **crente [ênfase]** que nesses momentos tava ali deixando meu lado antropólogo de lado. Dentro de mim e sem que eu percebesse,

a licenciatura tava separada da antropologia, veja só! Mas como a gente disse lá no começo, uma vez que a gente vira a chavinha...

**11:28 - Ana:** Ah aí já era!

**11:29 Melissa:** Já era [risada] E aí aconteceu uma coisa muito legal comigo. Que foi assim, eu participei durante três semestres do programa - que é o tempo que dura o projeto aqui na UnB pelo menos - e no meu segundo semestre de PIBID eu peguei duas matérias no departamento de antropologia que foram essenciais pra eu me perceber, também, como antropóloga ali naquele espaço da escola. Uma delas foi uma matéria chamada Mobilidade Urbana e Contextos Escolares, ministrada pela professora Cristina Patriota - um beijo professora, **saudades! [ênfase]** [risada] - onde a gente leu várias etnografias feitas em contextos escolares. E a outra foi Métodos e Técnicas em Antropologia Social, que é uma das nossas matérias obrigatórias lá pro bacharelado em antropologia e que foi ministrada pela Soraya inclusive! [risada] - que é uma das idealizadoras e locutoras do Mundaréu, né! - E que é uma matéria que tem um propósito de discussão muito parecido com o que a gente faz aqui no Mundaréu, de entender como é o trabalho das antropólogas que estão fazendo pesquisa de campo, as relações que se constroem durante a pesquisa etc. E aí juntou essas duas matérias e eu entendi e falei **[entra a música "O Legado" da banda Dream Music. Rock. Apenas o instrumental]** "Meu deus eu tô fazendo um trabalho de campo lá na escola sem perceber!"

**12:43 - Ana:** E você lembra, Mel, quando foi esse momento de epifania que te fez perceber isso? **[música desaparece]**

**12:48 Melissa:** Então foi num momento que eu... eu adoro um caderninho né...

**12:52 Ana:** Ah mas toda antropóloga adora um caderninho!

**12:55 Melissa:** **[risada]** Sim! Então foi isso, assim, eu tinha esse caderninho que eu escrevia loucamente nele sobre tudo que eu via, que eu participava, as conversas que eu tinha, as impressões que eu tinha... e aí num determinado momento eu olhei pra ele e entendi tudo.

**13:13 Ana:** Então sem perceber você já tava fazendo esse exercício de observar, de anotar e de registrar os seus estranhamentos sobre aquele lugar e aquelas pessoas?

**13:24 Melissa:** Exatamente, e de um lugar que é super familiar pra mim né, que é a sala de aula. E pra gente perceber como esses imaginários socialmente construídos que a gente tem, às vezes são super difíceis de desconstruir. Foi só nesse momento, já no meu quarto/quinto semestre no curso, que eu entendi que pra fazer meu campo, pra fazer uma pesquisa, entre aspas, de verdade né, que tenha uma validação científica, eu não precisava ir lá pra não sei aonde. Que meu campo podia tá ali no meu dia a dia, ali bem perto de mim, sobre um lugar onde eu tava sempre. Assim, eu já sabia disso né, já sabia que a antropologia tava ali ao meu redor o tempo todo principalmente enquanto um jeito de enxergar o mundo, mas esse foi o momento em que eu... nem que eu entendi, mas que eu **senti [ênfase]** que no meu cotidiano tem ali um milhão de possibilidades de pesquisas concretas mesmo né, de trabalho...

**14:13 Ana:** E você pode dar exemplos dessas coisas que você anotava? Essas coisas que eram familiares pra você e que você começou a estranhar.

**14:20 Melissa:** Posso sim...[pausa] É... [pausa] Por exemplo... [pausa] tá, sempre que eu saia pra ir beber uma água/ banheiro, eu ficava andando pela escola, observando os espaços. E não é uma escola grande, mas lá tem vários espaços legais: tem um palco, uma sala de vídeo, uma biblioteca, as quadras

né, enfim. E num lugar bem central assim, perto de onde ficava a sala dos professores e a sala da direção, tinham dois pôsteres com as fotinhas dos alunos que tinham passado pra universidades federais no ano anterior. E assim, né, no início eu achava super normal, por que muitas escolas tem isso de divulgar e até homenagear né os alunos que passaram no ENEM, no PAS. **15:00 [entra a música "O Legado" da banda Dream Music. Rock e coro de vozes masculinas]** Mas aí em um determinado momento eu comecei a estranhar aquilo de um jeito... Porque imagina comigo. É uma escola que tem as paredes coloridas assim sabe, tem um tom bem alegre, mas na janela das salas de aula tem umas grades, e quando você tava no corredor, você só via umas mãozinhas assim pra fora das grades né. Aí a associação com uma prisão é quase imediata, né. E todos aqueles espaços incríveis estavam sempre vazios, tanto no recreio como nas aulas, e espaços que podiam estar sendo utilizados nas próprias aulas, né. Então o único sinal que tinha da existência daqueles adolescentes naquele espaço, naqueles momentos de aula né- além das mãos pra fora - era nos posteres. E aí eu pensei "caramba, a forma desses adolescentes estarem ocupando os espaços da escola, que não são unicamente a sala de aula, é tendo saído dela", né? Porque quando se saía da sala só se via os rostos daqueles que já tinham se formado pelos pôsteres né.

**15:56 [volume da música aumenta e entra a voz masculina e a voz da Mel desaparece]**

"Estou deixando para um futuro atual

Qual a parte da minha história vai ser capa no jornal

Quais ideias..." [Música abaixa o volume, entra a voz da Mel]

**16:11 - Mel:** Mas assim, em todos os espaços isso aconteceu, banheiro, sala de aula... principalmente em sala de aula na verdade, porque foi onde eu comecei a refletir antropologicamente sobre aquelas relações pedagógicas e estranhei a minha própria presença naquele lugar, sabe?. E eu entendi que naquele momento enquanto pibidiana, e agora enquanto aluna da UnB, e futuramente quando eu for professora a sala de aula vai ser sempre um campo pra mim. No sentido de que eu vou estar sempre me construindo nesse espaço, me relacionando nesse espaço e refletindo sobre esse espaço com a antropologia. [música desaparece]

**16:46 Ana:** É massa a gente perceber como toda essa sua experiência tá ligada com a docência em diversos níveis, né? Primeiro pelo fato de você... estar ali numa escola, se construindo enquanto professora, mas também se construindo, se entendendo enquanto aluna de antropologia. E toda essa epifania ela acontece com suas professoras ali, te acompanhando e te orientando nessa trajetória. O que conecta mais uma vez a sua história com a da Artionka, né?

[efeito de click]

**17:12 Artionka:** Então a Lux foi isso assim, quando eu chego em campo com ela, ela vai um pouco me ensinando como pegar uma criança pequenininha e guiando né nos primeiros passos, como lidar com as pessoas, tem todo um, e um olhar sobre aquele universo. Porque eu fui pra lá pra fazer pesquisa, eu já tinha definido, eu queria entender porque os Palikur se converteram à religião evangélica pentecostal, esse era meu objetivo, né. Então eu ia, eu participava de todos os cultos, e a Lux falava assim pra mim: "Olha, tudo bem, seu tema é esse, mas você tem que olhar pros lados, você não pode ficar só nisso." Então ela me fez registrar, eu que carregava a câmera, consegui registrar vários elementos da cultura material né, vários artefatos, olhar, prestar atenção nos grafismos, ela me fez registrar mitos, né, e isso foi tão importante, isso foi muito determinante para maneira como depois eu fui compreender o processo de conversão, né.

[efeito de click]

**18:21 Melissa:** Ah sim! Eu adoro essa história da Artionka e realmente me lembra muito essa historia que eu to contando aqui hoje né. Porque assim como a Lux deu essa orientação que ajudou a Artionka a perceber.. a estranhar né certas coisas que depois ajudaram ela a entender a questão central da sua pesquisa. Eu também tive diversos professores que me ajudaram muito né, os professores do pibid, a soraya a cristina... E essas histórias, tanto a minha quanto a da professora artionka são muito boas para a gente pensar a docência de um modo muito prático né, seja dentro de uma escola ou acontecendo no trabalho de campo. E outra coisa é que, assim como a Artionka e os índios do Amapá, por conta do espaço da escola ser um lugar significativo pra mim, eu também senti um pouco essa coisa de dar um retorno, sabe? Um retorno que esteja no pensar sobre o que eu tava vendo acontecer ali e a partir disso pensar sobre a educação, tentar entender onde surgem essas falhas que a gente vê no processo de ensino e aprendizagem... nesse sistema que é a educação né. E também, a partir da pesquisa, criar um retorno que se dê pelo próprio exercício da docência. Porque com certeza eu vou ser uma professora melhor depois de ter captado esse sentimento de estranhamento que surgiu ali, do que se eu não tivesse conseguido perceber essa relação entre a docência e a antropologia.

**19:42 Ana:** Tá, mas então você chegou a escrever alguma coisa a partir dessa experiência né? Conta aí um pouquinho pra gente.

**19:49 - Melissa:** Sim, escrevi. Assim, depois que eu tive todo esse entendimento, minha cabeça começou a borbulhar com essas infinitas possibilidade de temas de pesquisa que existem dentro de uma escola. Mas uma coisa em específico que me chamou muito atenção foi o conselho de classe participativo que rolava lá na escola, porque, enfim, eu tenho também uma quedinha pela antropologia do Estado né. E é um conselho de classe que os alunos participam, e que tá super ligado com o princípio de gestão democrática, que tá expresso na LDB.

**20:18 Ana:** Para quem não conhece, a sigla LDB é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

**20:24 Melissa:** Isso! E aí eu tive que escrever um trabalho final para aquela matéria que eu comentei, que falava sobre contextos escolares, e eu usei as anotações que eu tinha no meu caderninho sobre essas reuniões desse conselho de classe participativo e a bibliografia da matéria - que me ajudou né a teorizar aquela experiência né. E escrevi o trabalho. Aí uns meses depois eu falei com a professora Cristina que eu tinha gostado do que eu tinha escrito e queria investir naquilo e ela me ajudou a dar uma cara mais de artigo pra ele, sabe? E eu fui mexendo nele. As vezes eu lia algum texto em outra matéria e ia acrescentar lá também. Aí eu cheguei a apresentar ele no ENECS do ano passado em João Pessoa, que é o encontro nacional de estudantes de ciências sociais e esse ano ele foi publicado numa revista discente que a gente tem aqui na UnB, que chama Textos Graduados.

**21:11 Ana:** Puxa, muito legal: você participou do PIBID, escreveu um trabalho final, que virou artigo com a ajuda da tua professora e foi publicado num periódico produzido por estudantes. Poxa Mel, você fez muitas coisas legais na graduação! E tem mais alguma coisa que você quer acrescentar, Mel?

**21:28 Melissa:** Ah, só ressaltar mesmo como essa foi uma experiência muito importante pra mim... me transformou completamente, sabe? E que hoje o foco da minha pesquisa, da minha docência e da minha militância estão todos na educação, e é muito por causa disso.

## **FECHAMENTO**

**Música de Fechamento: "Quem Canta"**

**[Entra a parte instrumental da música "Quem canta" de Tatá e Danú. Samba]**

**21:47 - Ana:** Então, gente, a ideia desse episódio foi falar um pouco sobre como esse sentimento de estranhamento não tá só no contato com o que é diferente, mas no contato com a gente mesmo, com os lugares que frequentamos, com as pessoas com quem a gente convive todo dia. E que ele nos ajuda a repensar nosso lugar no mundo, nossa relação com aquilo que nos cerca...

**22:06 Melissa:** E que é um sentimento mesmo, né? Não é uma coisa que a gente aprende nos livros e reproduz no campo. E por isso que a gente decidiu contar essa minha experiência aqui, até pra incentivar e inspirar todas as futuras antropólogas e antropólogos a terem essa vivência prática na graduação, seja no PIBID, no PIBEX, no PIBIC, ou mesmo aproveitando os textos de alguma matéria pra escrever sobre alguma coisa que você acha interessante no seu cotidiano. Porque se tem uma coisa que o Mundaréu tá mostrando pra gente é que antropologia é, justamente, essa experiência prática, né, embora a teoria seja super importante, não adianta a gente ficar só nos livros, tem que ir encontrar as pessoas...

**22:47 Ana:** Tem que vivenciar o campo, ser interpelado de volta, ouvir podcasts né? Mas é isso, gente! Espero que vocês estejam gostando dessa nossa série que é feita pelos estudantes, para as estudantes e para quem mais quiser ouvir!

**23:01 Melissa:** Bom, eu tô muito feliz mesmo de ter tido esse espaço pra contar minha história, foi uma experiência super gratificante! Quero agradecer demais às professoras Soraya e Dani e todas as outras estudantes tanto de Brasília quanto de Campinas que formam essa equipe linda [ênfase] do Mundaréu! E, claro, à Ana né que topou estar nesse episódio aqui comigo! E também um super obrigada a todo mundo que fez parte da equipe do PIBID comigo! E também um super obrigada ao pessoal da banda Dream Music que me permitiram trazer a música deles aqui para ambientar esse episódio e que é uma banda que foi finalista do festival de múúsúsica das escolas puúblicas em 2017 e que é do Recanto das Emas, que éééé uma cidade aqui do DF e que é onde está localizada a escola que me proporcionou essa experiência que eu falei aqui pra vocês hoje. E é isso! Não esqueçam de contar pra gente nas nossas redes sociais o que vocês tem achado do Mundo na Sala de Aula! A gente tá no Twitter, no Face, no Insta.

**23:55 Ana:** E tem o site também, onde vocês podem encontrar todas referências que a gente fez aqui no episódio hoje, o site é: [www.mundareu.labor.unicamp.br/](http://www.mundareu.labor.unicamp.br/)

**24:05 Melissa:** Beijão, gente! E até a próxima!

**24:07 Ana:** É isso gente! Muito obrigada por terem escutado a gente e ateéééé o próximo Mundo na Sala de Aula.

## **Expediente**

Apresentação: Melissa Bevilaqua e Ana Noronha

Produção: Melissa Bevilaqua, Ana Noronha e Soraya Fleischer

Montagem e edição do roteiro: Melissa Bevilaqua e Soraya Fleischer

Montagem e edição do episódio: Melissa Bevilaqua e Lucas Linardi Carrasco

Autorizações para as músicas: Artionka Capiberibe, Melissa Bevilaqua e Soraya Fleischer

Conteúdo do sítio eletrônico: Melissa Bevilaqua e Soraya Fleischer

Divulgação: Milena Peres e equipe do Mundaréu